

## **MILITIA AMORIS EM AMORES I 9 E NA ARS AMATORIA II 233-248 OVIDIANA: IDENTIDADE OU PARALELISMOS?**

MATHEUS TREVIZAM  
Faculdade de Letras  
Universidade Federal de Minas Gerais

**RESUMO:** Neste artigo, pretendemos mostrar como o emprego que Ovídio faz do mesmo topos elegíaco da *militia amoris* em Amores I 9 e, depois, em *Ars amatoria* II 233-248 não implica identidade de sentido, mas ao contrário revela modos particulares de significar relacionados com o contexto de cada obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ovídio; elegia erótica romana; topoi; Amores; *Ars amatoria*.

### **Introdução**

O exame da produção “elegíaca” romana,<sup>1</sup> por isso entendendo, em sentido lato, a longa linha “sucessória” que toma corpo em Propércio e Tibulo e chega ao Ovídio “desconstrutor” da *Ars amatoria* ou dos *Remedia Amoris*,<sup>2</sup> revela a prática frequente da retomada de componentes artísticos variados. De início, assim, ei-nos deparando, diante desse *corpus* textual eminentemente matizado, mas sem dúvida, pautado por certas diretrizes comuns, um conjunto de poemas mais ou menos longos, sempre escritos nos dísticos elegíacos a remontarem à poética helênica, muitas vezes centrados na abordagem da experiência amorosa, permeá-

---

<sup>1</sup> Para autores como Dalzell (1996) e Toohey (1996), porém, teríamos, na *Ars amatoria* e nos *Remedia Amoris*, textos vinculados a outro gênero, o da poesia didática.

<sup>2</sup> Sobre a verdadeira operação de “desmonte” do *corpus* elegíaco clássico efetuada por Ovídio desde os *Amores*, mas, sobretudo, na *Ars* e nos *Remedia Amoris*, cf. Conte (1994, p. 35-65).

veis às fabulações da mitologia, afins a algum “embaralhamento” entre dados fictícios e a biografia mesma dos poetas (FEDELI, 1991, p. 105-126)...

Essa relativa homogeneidade, no entanto, não nos deve precipitar a generalizações excessivas, supostamente abrangentes “sem falhas” do tom e do modo expressivo de Propércio, Tibulo e do Ovídio “elegíacos”. Do ponto de vista temático, assim, a crítica fez ver que adentram os poemas do *corpus* da elegia properciana, por exemplo, cada vez menos textos centrados no desenvolvimento de episódios galantes cuja protagonista é *Cynthia* (FEDELI, 1991, p. 116): a derradeira peça da coletânea em que essa figura idealizada de mulher surge, por sinal, apresenta-a sintomaticamente *morta*, em fantasmagórica aparição a seu antigo “amante” (IV, 7). Isso se dá, é notório, no quarto e último livro da coleção atribuída a Sexto Propércio, aquele a que se integram com alguma naturalidade temas cívicos como uma celebração “arqueológica” da cidade de Roma (IV, 1), uma homenagem ao deus itálico *Vertumnus* (IV, 2), a apresentação do mito de Tarpeia, líder militar romana que traiu a pátria por Amor “maldito” a Tácio, rei dos sabinos (IV, 4), a lembrança da batalha de Ácio (IV, 6), na qual saiu-se vencedor Otaviano contra o exotismo oriental de Marco Antônio e Cleópatra... Também em Tibulo, no poema I, 7, apartado do canto dos amores de sua Délia, Nêmesis ou Márato, esse elegíaco celebra simultaneamente o triunfo (setembro de 27 a.C.) e o aniversário do *patronus* Messala Corvino, não sem várias digressões bastante descentralizadoras do foco do meio para o fim da mesma peça (SHEA, 1998, 59-60)...

No quesito mitológico, por sua vez, embora o *corpus* tibuliano não seja de todo fechado a esse “ingrediente” compositivo (o nome mesmo de Délia, a mais “dócil” das amantes “retratadas” na obra do poeta, seria evocativo, para Bright – 1978, p. 117-118 – da “benfazeja” luminosidade associável a Diana e a seu irmão, o deus Apolo em pessoa), antes prevaleceria, nos momentos de fuga à concretude situacional do apaixonado nem sempre correspondido à altura, o recurso evasivo a seu próprio passado ou a um mundo interno rico de anseios de plena realização com o objeto amoroso (BRIGHT, 1978, p. 1-15). O Ovídio da *Ars amatoria*, ainda, recorre com grande erudição a todo um arsenal de lendas greco-romanas que remontam até a temas homéricos, mas, muitas vezes alheio à técnica properciana de apenas sugerir de leve os mitos abordados (caso do poema I, 2, no qual heroínas gregas menores como Febe, filha de Leucipo, Hilaíra, sua irmã, uma “anônima” filha de Eveno e Hipodâmia comparecem lado a lado numa exemplificação que visa a dissuadir Cíntia da necessidade obsessiva dos cuidados de beleza), desenvolve copioso lendas famosas como os amores de Pasífaa pelo touro branco votado a

Júpiter, a fuga de Dédalo e Ícaro do labirinto cretense, o rapto das sabinas pelos moços solteiros do povo de Rômulo...

Sem ser preciso recorrer à estratégia analítica de cotejar os distintos modos de manifestação do “mesmo” nas obras de cada um dos membros da tríade elegíaca assim constituída (ou, ainda, momentos diversamente nuançados do fazer de um só poeta, conforme dissemos acima do “corpo estranho” do civismo<sup>3</sup> nas elegias “alinhasdas com o poder” em Propércio e Tibulo), por outro lado, também o olhar para os sentidos conflitantes e passíveis de atribuição às *mesmas* peças segundo o nível de leitura em vigência favorece desestabilizar quaisquer percepções monolíticas da compacidade do *corpus* em jogo. Em outras palavras, certos funcionamentos semânticos agenciados, a saber, por um Propércio, inscrevem nas próprias (entre)linhas do discurso elegíaco “típico” um anti-discurso elegíaco, cujo exclusivo vigor, por sinal, significaria o desfecho de um golpe de misericórdia sobre o modelo em sua forma mais “pura”.

Correspondem a tal forma de “desmascarar” a total adesão do poeta-amante ao mundo passional exclusivo os efeitos cômicos advindos, segunda arguta observação de Paul Veyne numa sua obra dedicada aos meandros da elegia, do abuso da mitologia em Propércio (VEYNE, 1983, p. 13). Eis com frequência, assim, *ego*, depois de “desfeito” nas lágrimas de suas dores pelos “maltratos” de Cíntia, em instantes recomposto a ponto de enveredar-se por relatos míticos raros, não poucas vezes obscuros até para os cultos e de todo afastados, no frio requinte de sua momentânea (e cínica!) exposição, do *cri du coeur* que caracteriza os pontos mais “propriamente” elegíacos da obra do autor.<sup>4</sup>

Os exemplos supracitados, então, de algum modo apenas confirmam o que todos sabemos em nossa prática de leitura das obras literárias antigas: os arcabouços genéricos tradicionais ou, com menos rigor, os grupos de obras que constituímos por suas eventuais (ainda que incompletas) semelhanças mútuas para facilitar-lhes o estudo não resistem incólumes ao exame mais detido de sua plena regularidade, como se, na verdade, nada dos “espécimes” que os integram pudesse parecer dissonante no conjunto.

---

<sup>3</sup> Para Fedeli (1991, p. 116-117), no entanto, o que nos causa estranhamento nesse sentido corresponderia, na verdade, a uma manutenção de Propércio dos limites constantemente preconizados por uma poética como a sua, de inspiração alexandrina e, portanto, de todo afim à *uariatio/ poikília*.

<sup>4</sup> O estudioso critica com humor, a respeito do emprego da mitologia em Propércio II, 28 (VEYNE, 1983, p. 13): *On juge si c'est là le langage d'un homme épris*.

As análises que propomos a seguir, justamente dedicadas à observação comparativa do importante *topos* elegíaco da *militia* num poema ovidiano dos *Amores* (I, 9) e em certa passagem da *Ars amatoria* desse autor (II, 233-248), visam a determinar em que medida o “mesmo” por ele permeado se presentifica e gera, na prática, efeitos de sentido peculiares a cada vez de emprego.

### O “tema típico” da *militia Amoris* em *Amores* I, 9 e em *Ars amatoria* II, 233-248

Nessa curiosa (e muito complexa!) peça do livro juvenil dos *Amores*, “Ovídio”, como de praxe nos poemas do *corpus* comum também a Propércio e a Tibulo, fala em *primeira pessoa* a um seu amigo, Ático, sobre a necessidade de manifestação da energia para vivenciar idealmente a paixão. De forma nada casual, pois que, aqui, incita-se a tal postura recorrendo a amplo vocabulário do campo semântico bélico (*militat omnis amans* – “todo amante é soldado”, v. 1/ *habet sua castra Cupido* – “Cupido possui seu acampamento”, v. 1/ *quae bello est habilis, ueneri quoque conuenit aetas* – “a idade que é apta à guerra, também convém ao Amor”, v. 3/ *turpe senex miles* – “é torpe um soldado velho”, v. 4/ *duces* – “os chefes”, v. 5...), a imagética escolhida coaduna-se com propósitos de inscrever esse texto numa linha expressiva razoavelmente difundida na elegia erótica romana.

Sabemos que, em sua versão mais comum, a elegia pressupunha imaginariamente a criação de um mundo próprio ao poeta-amante e a seus interesses: essas criaturas, assim, que se apresentavam com os mesmos nomes de seus criadores (*Naso* etc.), eram “retratadas” no *corpus* correspondente como homens ainda jovens (pois a paixão “cabia mal” aos maduros pelo entendimento antigo), quase sempre ocupados de seus afazeres literários e mundanos (o Amor, as pequenas *nugae* com os amigos e desafetos...), o tempo todo reticentes em aderir a formas de vida mais práticas e *ativas* (FEDELI, 1991, p. 108-111)... No plano literário, a obstinada recusa a sair desses estreitos limites existenciais realiza-se nos textos do *corpus* segundo o *topos* da *recusatio*, ou declaração de suposta incapacidade para fazer-se celebrante épico, por exemplo, dos grandes ideais pátrios.<sup>5</sup> Sob o ponto de

<sup>5</sup> Cf. breve comentário de Shea (1998, p. 1) sobre o desenvolvimento deste *topos* no início da elegia I do livro inicial da coleção tibuliana: *Someone, perhaps his patron Messala, perhaps his mistress Delia, has been chiding the poet about his modest style of life and his unwillingness to rebuilt his family's reduced fortune by participating in lucrative military expeditions. Perhaps he himself has been having misgivings on this count. In any case, he presents in this poem a justification of his on values and he kind of life they foster.*

vista do “quotidiano” dessas personagens, como jovens “de corpo e alma” devotados aos prazeres e dores da vida no círculo íntimo de seus pares ou amantes, é perceptível que a recusa se coloca em termos de uma negação pessoal da guerra e do empenho político na Urbe.

Entretanto, segundo um curioso procedimento já notado por críticos como Boucher (1965, p. 94) e Labate,<sup>6</sup> amiúde ocorre na obra dos elegíacos latinos o gesto de “reintegrar” o mundo alheio a seu ambiente restrito, como se, na verdade, no fundo não pudessem de todo prescindir daquilo que “rejeitam” com “subversão”. Desse modo, como, de fato desejando os poetas as *puellae* tomadas para paradigmas de amantes dos homens de sua estranha condição, não quererem eles que sejam de todo dadas a corresponder ao imenso afeto de cada qual a celebrá-las ficcionalmente? É claro que o pleno alcance deste anseio, convertendo-se em definitivo as imprevisíveis Cíntia, Nêmesis e Corina de mundanas e, até, venais em mulheres pudicas (em último grau, até em honestas esposas romanas!), desmantelaria o cerne de uma poética a ter na obstinada entrega ao vetado uma de suas pedras de toque (POULLAIN, 1948, p. 95), mas, enfim, seria viável banir com verossimilhança o atemporal desejo de exclusividade do peito de qualquer “sincero” apaixonado? E ainda, sendo as “amantes” dos elegíacos latinos criaturas tão exigentes (elas mesmas não de todo desprovidas de vários dotes do corpo e do espírito),<sup>7</sup> parece incoerente que possam amar a seres apenas chorosos, incapazes do mínimo esforço para se fazerem merecedores de algumas concessões eróticas e afetivas, embora passageiras, das mulheres a quem desejam...

Esse último ponto justifica que, como alternativa ao engajamento bélico propriamente dito, os elegíacos concebam o que se convencionou dizer “milícia amorosa” (TREVIZAM, 2003, 118-119): trata-se de aproximar, por analogia, o desgaste físico e psicológico sofrido por ocasião da conquista ou durante a difícil convivência com as *puellae* das agruras enfrentadas em campanha por soldados

<sup>6</sup> De maneira clara, o crítico italiano expressou esse dilema elegíaco nos seguintes termos (LABATE, 1984, p. 30): *Solo che, come è stato osservato, in questa esigenza di nobilitazione, di elevazione, i poeti dell'elegia latina, com'era già in parte avvenuto a Catulo, non sono in grado di elaborare modelli autonomi, valori nuovi: essi finiscono per ritrovare i valori della tradizione, la cultura dei padri che aveva alimentato il loro rifiuto.*

<sup>7</sup> Sobre a imagem das amadas dos elegíacos romanos, Cardoso (2003, p. 274) registrou, especificamente, de Cíntia: No texto de Propércio, Cíntia não é apenas uma bela mulher. Tem a cultura refinada das grandes damas dos dias de Augusto que frequentam festas e jogos, participam de banquetes e se dedicam a atividades intelectuais.

reais. Como se sabe, valorizava-se, na vida militar antiga, o aprimoramento da capacidade do homem em suportar o medo, a fome, o frio, a dor, os cansaços...<sup>8</sup> Similarmente, as situações de dificuldade por que tem de passar o amante elegíaco fazem, até certo ponto, com que experimente sofrimentos afins aos padecimentos dos soldados e tenha de persistir a fim de “triunfar”, vale dizer, vencer por algum tempo as “batalhas” coincidentes com as ocasiões em que a moça o rejeita ou submete a asperezas.

Em Propércio III, 12, 1-4, desenvolve-se esse motivo de modo deliciosamente jocosos, já que a “missão” para que se convoca o *miles*, bem o vemos, é de natureza erótica e não, de fato, bélica:

*Nox media et dominae mihi uenit epistola nostrae:  
Tibure me nulla iussit adesse mora,  
Candida qua geminas ostendunt culmina turres,  
Et cadit in patulos lymphæ Anienæ lacus.*<sup>9</sup>

No excerto acima, uma carta enviada no meio da noite pela *domina* ordena ao “recruta” que se apresente sem demora, apesar, como se comenta numa passagem posterior da elegia, dos perigos da noite (escuridão, bandos de arruaceiros...). A própria escolha da palavra *domina*, também indicadora da autoridade da *puella*,<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Salústio, em *A guerra de Catilina* (LVIII), diz, aqui na apurada tradução oitocentista de José Vitorino Barreto Feio: “Soldados, quando eu vos considero, quando as vossas façanhas contemplo, alta esperança de vitória concebo. O brio, a idade, a vossa firmeza me alentam, e também a necessidade, que mesmo os covardes faz fortes. A estreiteza do terreno impede que a multidão dos inimigos nos envolva. Mas quando a fortuna inveja o vosso valor, procurai não morrer inultos; não vos deixeis apanhar e degolar, como ovelhas; mas, combatendo, como homens, aos inimigos deixai sanguinolenta e lutuosa vitória”.

<sup>9</sup> “É meia-noite, e chega-me a carta de minha senhora: ordena que eu esteja em Tíbur sem demora alguma, onde cumes brancos ostentam gêmeas torres e as águas do Ânio se lançam num lago vasto” (minha tradução).

<sup>10</sup> Propriamente, *domina* tenderia a fazer-nos pensar em “senhora” e, assim, na ideia do cativo, associável ao *topos* do *seruítium Amoris*. O teor da passagem, porém, sem que ignoremos este dado, parece-nos sobrepor à noção de um “escravo” a cumprir ordens da “dona” a de um soldado a cumprir ordens do líder imediato. Sustenta esta nossa leitura, cremos, o fato de que se enfatize no contexto o chamado para a realização de tarefas parecidas com as desempenhadas em âmbito militar (deslocamento pouco cômodo em viagem para atender a um chamado urgente).

contribui para marcar a distinção hierárquica existente entre líder e subalterno, de maneira possivelmente alusiva ao mundo da organização militar. Além disso, a ênfase posta pelo poeta na necessidade de cumprir as “instruções superiores” com imediatez e em meio a dificuldades que exigirão alguma coragem e energia para serem superadas também faz com que, a seu modo, Propércio aproxime a conduta do bom amante do comportamento esperado de um soldado disciplinado e pronto a sacrifícios.

Em Tibulo II, 6, ainda, *ego* tenta convencer o Amor a ganhar de volta Pompeu Macer para *seu* “comando”, pois, de algum modo, essa personagem coeva ao poeta decidira-se votar à guerra “real” (SHEA, 1998, p. 137-138); em *Amores* II, 3, 10, Ovídio observa a um eunuco,<sup>11</sup> por quem, comicamente, sua *puella* o preterira:

*Sunt tibi cum domina signa ferenda tua.*<sup>12</sup>

A particular elegia ovidiana em que nos centramos aqui, e cujo levantamento lexical incompleto fizemos há pouco, parece-nos dividir-se em dois grandes segmentos: no primeiro deles, de v. 1 a v. 20, o poeta basicamente propõe próximos paralelos entre a vida do *miles Veneris* e a do *miles Martis*. Assim, como este, amiúde aquele repousa à noite o corpo exausto sobre a terra nua (v. 7); ambos suportam na pele todo tipo de adversidade climática (frios, neve, chuva... – v. 15-16) em prol de sua “campanha”; ambos, enfim, mantêm sob olhos atentos os inimigos em campo de batalha ou os rivais no Amor da bela (v. 17-18)...

O trecho seguinte, de v. 21 a v. 28, e que se poderia, mesmo, considerar como subseção do anterior, desenvolve com particular cuidado e de forma mais longa uma específica analogia entre a milícia “verdadeira” e a figurada: trata-se de mencionar as vantagens do sono alheio para o sucesso dos dois tipos de “soldado”. Desse modo, recordando o episódio homérico do massacre do trácio Reso<sup>13</sup> e de

<sup>11</sup> O tema risível do enamoramento de uma dama por um eunuco, com suas vantagens “contraceptivas”, encontra paralelos também em Juvenal, sátira VI 366-373, que abaixo citamos traduzida por Décio Pignatari (1996, p. 53): “E há aquelas que adoram os eunucos glabros,/ de beijinho doce, sem barbas que piquem – e sem/ perigo de aborto. Mas o máximo é aquela/ cujo prazer foi castrar seu escravo já púbere,/ um negro avantajado: esperou que os testículos/ chegassem a quase um quilo – e o passou às mãos/ do cirurgião. Só os barbeiros reclamaram...”

<sup>12</sup> “Deves seguir os *estandartes* de tua ama” (minha tradução).

<sup>13</sup> Cf. menção de Commelin (1983, p. 263) a este episódio da guerra de Troia: Com Ulisses, apodera-se [Diomedes] das flechas de Filoctetes, em Lemnos, dos cavalos de Reso e rouba o Paládio.

seus homens enquanto dormiam, Ovídio aponta (v. 25) a boa hora de “ataque” constituída pelo momento de sono dos maridos traídos.

A partir de v. 29 e 30, porém, parece-nos operar-se alguma transição no direcionamento de sentidos deste poema:

*Mars dubius nec certa Venus; uictique resurgunt,  
Quosque neges umquam posse iacere, cadunt.*<sup>14</sup>

De fato, apesar dos esforços instrutivos de Ovídio até este ponto, a “técnica para vencer” identificada com o indiscriminado emprego da persistência e da ousadia revela-se não tão segura diante da proverbial inaquiescência do Amor<sup>15</sup> e do fortuito, também passível de insinuar-se entre as armas. Os versos 31 a 46, que encerram esta elegia ovidiana, então, apresentam-nos, não sem ironia, vários casos míticos de combatentes militares por instantes vulneráveis diante de seus oponentes *por motivo amoroso*: são eles Aquiles enebriado de Briseida e algo desatento à guerra (v. 33-34), Heitor entretido nos amplexos de Andrômaca (v. 35-36), Agamenão apaixonado por Cassandra na hora da tomada do botim humano dos vencidos (v. 37-38) e Marte enleado com Vênus em flagrante delito de adultério pelas tramas de Vulcano (v. 39).

Curiosamente, assistimos aqui ao esfacelamento da imagem vitoriosa do amante-soldado, como se, tornado em vez disso soldado-amante, não mais se valesse do vigor para triunfar eroticamente, mas, justo por ter caído nas malhas do Amor, viesse a ser presa fácil para seus reais inimigos. Nesse sentido, embora essa guinada semântica pudesse ser apenas interpretada como “ingênua” afirmação elegíaca da superioridade do Amor diante de quaisquer outras forças do mundo (conseguir “render” Aquiles e um deus!), não deixa de constituir divertida denúncia ovidiana da fraqueza dos preceitos “bélicos” “confiantemente” dados a Ático no momento anterior mencionar as chances de os amantes poderem passar-se, ao sabor do acaso, de “predadores” a “presas” em função mesmo de se encontrarem apaixonados.

Isso explica, por sinal, que possamos atribuir duplo sentido às expressões *ingenii est experientis Amor* (“o Amor detém uma habilidade experimentada” –

<sup>14</sup> “Marte é duvidoso e Vênus incerta; tanto se reerguem os vencidos, quanto caem os que negarias um dia poderem cair” (*minha tradução*).

<sup>15</sup> Cf. “lema” *omnia vincit Amor* (“o Amor é mais forte que tudo”), da égloga virgiliana X, 69.

v. 32) e, sobretudo, *qui nolet fieri desidiosus, amet* (“quem não quiser ser indolente, ame” – v. 46): no primeiro caso, imaginamos, a segunda parte desta elegia de Ovídio parece recomendar entender a “habilidade experimentada (matreira?)” do Amor não como algo assimilado por seus adeptos e, portanto, a operar em seu próprio proveito para torná-los fortes, mas como característica de que esse deus se vale para fazer mudar a sorte até de homens e deuses tão temíveis quanto Aquiles e Marte, *debilitando-os*. Segundo tal interpretação, pois, apenas caberia ler na linha final deste poema (v. 46) o irreverente riso de Ovídio diante de toda a tradição da “seriedade” elegíaca: estariam, então, os “conservadores”, que veem no modo de vida elegíaco o reverso do mais recomendável do ponto de vistas das convenções sociais (VEYNE, 2009, p. 198), corretos em criticar a *desidia*<sup>16</sup> desses jovens amantes?

No entanto, bem o vimos, como resultado da grande perícia ovidiana em desorientar seu leitor (ou, como se deseje, enriquecer as formas de leitura de seus textos!), o mecanismo de divisão de vozes que sabemos inerente à ironia continua ao menos tornando possível entender a vulnerabilidade dos amantes (na guerra “real” ou em quaisquer outras circunstâncias) pela afirmação do ímpeto associável *ao Amor*: embora, nas circunstâncias deste poema, ele tenha optado caprichoso, inclusive com o eventual “auxílio” das incertezas bélicas, por insinuar-se em horas de grande risco para os heróis da Guerra de Troia, por exemplo, nada garante a permanência de tais indisposições para todo sempre... Em todo caso, portanto, mais valeria pôr-se a humilde serviço de um senhor tão poderoso do que negligenciá-lo ofensivamente. E, se calhar, quem combate no Amor, e não na guerra, com importar decidido para o corpo de suas experiências eróticas uma postura “guerreira”, teria ao menos vaga chance de vencer, o mesmo não se aplicando a quem, como Aquiles, e os demais, “cindira” a própria vida entre as zonas mutuamente excludentes do erotismo e das batalhas em âmbito militar.

Isso posto, resta-nos examinar alguns efeitos do emprego do mesmo *topos* em *Ars amatoria* II 233-248:

*Militiae species Amor est: discedite, segnes;  
Non sunt haec timidis signa tuenda uiris.  
Nox et hiems longaeque uiae saeuique dolores  
Mollibus his castris et labor omnis inest.*

<sup>16</sup> Ociosidade, inércia, indolência.

*Saepe feres imbrem caelesti nube solutum  
 Frigidus et nuda saepe iacebis humo.  
 Cynthius Admeti uaccas pauisse Pheraei  
 Fertur et in parua delituisse casa.  
 Quod Phoebum decuit, quem non decet? Exue fastus,  
 Curam mansuri quisquis Amoris habes.  
 Si tibi per tutum planumque negabitur ire  
 Atque erit opposita ianua fulta sera,  
 At tu per praeceps tecto delabere aperto,  
 Det quoque furtiuas alta fenestra uias.  
 Laeta erit et causam tibi se sciet esse pericli;  
 Hoc dominae certi pignus Amoris erit.<sup>17</sup>*

O excerto acima, que tomamos para presente objeto de estudo, também manifesta, embora com entrelaçamento de motivos, o claro emprego do “tema típico” da *militia Amoris*. No entanto, apesar das semelhanças com o poema dos *Amores* que vimos comentando, há que ressaltar suas nítidas particularidades no tocante à própria recorrência tópica cuja presença nos evoca o “igual”.

De início, então, salta aos olhos que não se encontra, aqui, a estratégia construtiva de apresentar próximos paralelos entre a milícia em sentido estrito e a *militia Amoris* dos apaixonados elegíacos: descontada a breve referência a que o Amor seria uma espécie de milícia (v. II 233 – e, se o é, haveria uma milícia real em que se espelha!), e em que pese ao emprego de certo vocabulário “bélico” ao longo dos versos imediatamente supracitados – *signa*, v. 234 – “estandartes”/ *longaeque uiae*, v. 235 – “longas caminhadas”/ *mollibus his castris*, v. 236 – “neste suave acampamento”/ *dominae*, v. 248 – “para a líder” –, o *topos* em questão se presentifica no contexto, sobretudo, como evocação de atitudes associáveis à esfera de atuação

<sup>17</sup> “O Amor é uma espécie de milícia. Desertai, indolentes! Não cabe a homens medrosos defender tais estandartes; a noite, o inverno, longas caminhadas, dores cruéis e todo cansaço há neste suave acampamento; frequentemente suportarás enregelado os aguaceiros de um céu encoberto, frequentemente te deitarás no chão duro. Conta-se que o Cíntio apascentou as vacas de Admeto de Feras, ocultando-se num pequeno casebre: o que foi conveniente a Febo, a quem não seria? Despoje-se de todo orgulho quem quer que se preocupe com a longa duração do Amor. Se te foi negada a segurança do acesso direto e te impede uma porta trancada, desce pela vertiginosa abertura do teto; também as altas janelas ofereçam vias furtivas. Alegrar-se-á a senhora e saberá que constitui motivo de risco para ti: isso será garantia de Amor certo para a líder” (minha tradução).

dos soldados. Referimo-nos, com isso, a pontos temáticos como mencionar, à maneira de um “programa” do essencial da vida “em campanha”, atividades do tipo das longas “marchas”, do deitar-se para dormir no chão nu, do obter acesso a um “posto” almejado em postura desafiadora das dificuldades “territoriais”...

Por outro lado, embora não assistamos desta vez ao jogo ovidiano prévio de desorientar obviamente labiríntico o leitor, certo efeito de “desfocalização” desse *topos* também se dá, agora pelo distinto mecanismo de introduzir, com a menção ao episódio da paixão de Apolo por Admeto, rei de Feras, outro “tema típico” da elegia. Referimo-nos, como se depreende facilmente do próprio contexto, ao “tema” do *seruitium Amoris*, que vem a ser o paralelo poético entre as vicissitudes de um apaixonado no duro serviço a uma bela/ -o cruel (*domina, era...*) e a vida dos cativos nas sociedades antigas, naturalmente à mercê dos caprichos de seus amos (cf. *supra* nota 10; Trevizam, 2003, p. 113-115). Ora, durante o tempo mítico desse seu enamoramento por um mortal, Apolo, por vezes até descrito como o mais belo entre os deuses,<sup>18</sup> sujeitou-se a ser o mero boieiro do “dono”, em humilíssima postura. De fato, sabemos que, no mundo greco-romano, muitas vezes coube a rudes escravos a lida de pastorear nos campos,<sup>19</sup> e que, em circunstâncias alheias ao pleno desvario amoroso, não caberia a um deus rebaixar-se a ponto de se pôr fisicamente como criado braçal de homem algum.

A alusão a este ponto temático comum (e extremo!) (Trevizam, 2003, p. 113-114) da elegia erótica romana, por sua vez, favorece-nos contextualizar como um todo o tipo de vivência amorosa proposto nos versos da *Ars amatoria* ovidiana. De início, vemo-nos, aqui, confrontando uma *ars*, ou “racional” tentativa de dominar determinado aspecto da prática humana (Dalzell, 1996, p. 134ss): desde a proposição do livro I desta curiosa obra, assim, o “mestre de Amor” identificado com um experiente “Nasão” dispõe-se ao paradoxal ensino da matéria da conquista. Nesse sentido, quando se colocam paralelos entre seu *discipulus* e Apolo “cativo” ou, o que interessa mais a nossos propósitos, entre ele e a vida “milicianiana” de figuras como o Ovídio “apaixonado” dos *Amores*, claro está que não prevalece no maior poema em pauta a mesma postura amorosa da elegia em sentido estrito. Na

<sup>18</sup> Cf. v. 3 da segunda elegia atribuída a Teógnis: *athanáton kálliston* (“dos imortais o mais belo”) – agradeço ao professor Teodoro Rennó Assunção a oportunidade de conhecer em grego este delicado poema.

<sup>19</sup> No capítulo X do livro II de seu *De re rustica*, Varrão reatino oferece várias diretrizes sobre a aquisição, o tratamento e a rotina dos cativos (em geral, estrangeiros) responsáveis por pastorear nos campos itálicos do século I a.C.

verdade, com levar-se “a sério” o intento ovidiano nesta obra de preceptística galante, ocorreria, para seus “alunos de Amor”, uma espécie de profunda libertação quanto aos limites estreitos e, até, sufocantes do prévio *corpus* elegíaco:<sup>20</sup> não se intenta mais, aqui, que os jovens em busca de experiências amorosas *de fato* amem e se dediquem “de corpo e alma” ao *seruitium* ou à *militia* com “ingênuos” fins de agradar a seus caros objetos do desejo. Pelo contrário, entrevê-se em muitas passagens da *Ars amatoria* a recomendação de uma postura predominantemente teatralizada diante da mulher (ou, no caso do livro III, dedicado às moças de Roma, do rapaz) eleita/ -o para companhia de um arguto parceiro.<sup>21</sup>

Tal fato traz consequências de grande peso para o exame da exata conformação do *topos* da *militia* neste novo contexto. Com cessar, na *Ars*, a total “sinceridade” na vivência amorosa cotidiana, produz-se de imediato o efeito da superficialização no sentir e no agir. Portanto, embora o jovem amante ovidiano continue, *em aparência externa*, com a imagem inalterada de apaixonados como Tibulo diante de Délia e Sexto Propércio diante de Cíntia, nada afiança mais a ninguém que de fato venha um dia a sentir-se exatamente como aqueles (CONTE, 1994, p. 48ss). Tocamos, aqui, no ponto da esperada adesão do *discipulus amans* a um conjunto de preceitos que, caso internalizados e postos em prática com rigor em sua vida galante, permitiriam não só o domínio do parceiro, mas, talvez, a obtenção pessoal de prazeres como paga dos esforços despendidos para impregnar-se dos conteúdos do “curso” por que passa e para pô-los em prática, entrevê-se, não sem certo sacrifício.

Isso significa, de maneira menos abstrata, que o “aluno” do Ovídio da *Ars*, ao tornar-se “soldado” para enfrentar as exigências de um Amor nem sempre cômodo (a *puella* desejada está sob a tutela severa de parentes, é uma mulher já comprometida com outro homem,<sup>22</sup> tem seus caprichos de “convocar” para encontros em hora e lugar difícil...), também porá sob teste físico e psíquico o corpo e a mente, também arrostará problemas a exigirem agilidade para sair-se bem de embaraços e perigos, também obedecerá às ordens de sua “líder”, também se sujei-

<sup>20</sup> Cf. Conte (1994, p. 56): *Elegy's absolute space now accepts the status of relativity.*

<sup>21</sup> Cf. Dalzell (1996, p. 160): *The cynicism of the “Ars” and the constant emphasis on trickery and deceit are, as we have seen, partly the result of the attempt to recycle elegy into the form of a mock didactic poem.*

<sup>22</sup> Cf. Dalzell (1996, p. 153): *She may live with her mother and her sister [“Remedia Amoris”], or with a man, or she may pretend to have a man in the background so as to add spice to the elegiac relationship [3.603-10].*

tará a instruções de conduta pautadas pelo próprio código elegíaco em aparência imitado na *Ars*... Isso tudo, porém, doravante passa a ser compreendido não mais como parte de um caminho de vida identificado com o fiel devotamento ao outro, sem propósitos diversos do de servir por inteiro mesmo à revelia de qualquer garantia de sucesso no ganho do coração alheio, mas como recurso estratégico para vencer em proveito próprio (TREVIZAM, 2003, p. 176-180).

Por outro lado, segundo uma importante consequência do que Labate entende pela mais natural integração do mundo social externo (o plano político, jurídico, militar...) ao tipo de vivência amorosa proposta na *Arte de amar*,<sup>23</sup> poder-se-ia apontar a maior espontaneidade com que gestos associáveis até a soldados adentrariam esta preceptística. Na verdade, enquanto a elegia típica, pela via da *recusatio* efetiva (poetas como Propércio e Tibulo preferiam deixar a seus amigos os riscos e glórias dos campos de batalha, mostravam-se sem interesse e inadaptados para tal esfera da vida) ou literária (pois, quando não entregues ao Amor, dedicavam-se em geral a fazer poesia em tom intimista e sentimental, rejeitando a épica em grande escala), punha à margem de si qualquer forma de empenho “útil” para apenas reintegrá-lo em parte, já contraditoriamente “traduzido” para o código elegíaco (cf. *supra* nota 5), o universo galante representado no poema ovidiano que ora comentamos parece muito permeável a vários tipos de *discipuli* e, ainda, não exigir deles o excessivo confinamento nas malhas do Amor (cf. *supra* nota 25):

*Et fora conueniunt (quis credere possit?) Amori,  
Flammaque in arguto saepe reperta foro.  
Subdita qua Veneris facto de marmore templo  
Appias expressis aera pulsat aquis,*

<sup>23</sup> Cf. Labate (1984, p. 95-96): *L'amore, infatti, non è più quell'impegno alternativo che negava il poeta alle cose civili e ne invadeva del tutto la vita. Lo spazio che vuole per sé non è più quello dell'intera esistenza; non è più sua pretesa riformulare l'intero universo etico dell'individuo: l'amore sceglie ora la libertà che gli è garantita proprio dal riconoscersi limitato. Anche la guerra, da parte sua, non si presenta ormai come un mondo di compatta durezza, di virtù severe e antiche: essa deve aprirsi alle regioni della modernità, imparerà a farsi anche spettacolo per profittare delle occasioni mondane. Non soltanto dunque campagne in terre inospitali, scontri con il nemico, fatiche e privazioni, ma anche un versante cittadino e frivolo: cerimonie e parate, arredi e divise. Il giovane militare è potenzialmente partecipe della vita dei salotti: può intrattenere il suo uditorio (la parola convincente sarà importante almeno quanto un cuore intrepido) con racconti, con descrizioni e avventure esotiche; può animarne le giornate impiegando la sua audacia di soldato in audaci imprese d'amore.*

*Illo saepe loco capitur consultus Amori,  
 Quique aliis cauit non cauet ipse sibi;  
 Illo saepe loco desunt sua uerba diserto,  
 Resque nouae ueniunt causaque agenda sua esto.  
 Hunc Venus e templis, quae sunt confinia, ridet:  
 Qui modo patronus, nunc cupit esse cliens.<sup>24</sup>*

O excerto acima (*Ars amatoria* I, 79-88) ilustra com clareza o alargamento de horizontes no cotejo com a elegia típica. De fato, doravante são fortes candidatas a alunos do curso amoroso de Ovídio nada menos que os “advogados” do foro romano, centro nevrálgico da vida política, judicial e comercial da Cidade. Vemo-nos aqui, portanto, diante de uma situação em que representantes da vida social ativa (e não personagens a rejeitar o mundo externo em prol unicamente de seus conflitos ou prazeres íntimos) apaixonam-se de forma inesperada e, por esse motivo, passam a necessitar do respaldo do *magister Amoris* a fim de obterem seguras alegrias, não dores, dos relacionamentos que possam vir a iniciar desde então.

Em que pese ao fato de depararmos nos versos acima juriconsultos, não soldados, as novas conformações do Amor na obra em vista possibilitam-nos por analogia dizer que, caso os houvesse mais literalmente citados na *Ars*, também poderiam interessar-se ao ver uma bela em algum ponto de Roma e (por que não?), amá-la “à maneira douta”, isto é, instruída pela astúcia do *magister Amoris*. Dessa maneira, sem deixarem os jovens de serem advogados, políticos, militares ou quaisquer outras coisas, sempre lhes estaria aberta a via, se dispostos a contar com a ajuda do “mestre”, de um Amor apenas em aparência regrado pelos exigentes ditames dos relacionamentos elegíacos (LABATE, 1984, p. 85-86).

Por outro lado, em tais circunstâncias, diante de soldados-amantes em sentido próprio, de algum modo cessaria a vigência apenas metafórica da milícia no âmbito galante: quem estivesse, em sentido “real”, habituado a lutar, usar de cautela diante da movimentação e das táticas dos inimigos, contar com a própria coragem no confronto com a dor, as incertezas, os perigos e os trabalhos, direcionar suas

<sup>24</sup> “Também os tribunais favorecem (quem acreditaria?) o Amor, e os ardores amiúde despertam na algazarra do foro. Junto ao marmóreo templo de Vênus, onde Apíade percute os ares com jorros d’água, com frequência o juriconsulto é capturado pelo Amor, e quem cuidou dos interesses alheios não cuida dos seus; naquele lugar, não raro faltam as palavras ao eloquente, casos sem precedentes sobrevêm e é preciso defender a própria causa. Vênus, dos templos vizinhos, diverte-se às suas custas; quem há pouco era patrono, agora intenta ser cliente” (minha tradução).

atitudes com vistas ao fim específico da vitória e pautar-se em tudo pela disciplina, de fato *transporia* a si e a essas suas características ao integrar-se ao plano amoroso conforme previsto na *Ars*. Assim, mesmo que os “combates de Vênus”, em princípio, não sejam tão mortíferos quanto aqueles a que se expõem os legionários no confronto com as setas perfurantes e as armas mutiladoras dos inimigos, um soldado-amante coerente consigo mesmo não abandona o mundo ao adentrar os umbrais da vida amorosa, e sequer “finge” uma energia de que não dispõe exceto sob os generosos limites da licença poética. Em vez disso, ao fazer-se amante-soldado em esperado cumprimento de seu destino elegíaco, de certo modo apenas atualiza em circunstâncias transformadas o que, enfim, sempre fora... e nunca deixara de ser (cf. *supra* nota 25).

### Conclusão

Segundo uma viável imagem, poder-se-ia propor que *topoi* seriam “armadilhas” para “tomar” argumentos.<sup>25</sup> Claro está, segundo essa maneira de pensar a presença repetida de “temas típicos” nos textos, que não é, sempre, esperada a “captura” da mesma “presa”, apesar de por vezes se ter empregado uma mesma “armadilha”: assim como uma rede para aves não deteria na caça um animal maior (cervos, javalis...), mas ora se apanham uns, ora se apanham outros (pássaros), *topoi* retóricos ou poéticos naturalmente delimitam até certo ponto o significado dos conteúdos a preenchê-los, sem determiná-los *de uma vez por todas*.

O presente caso das distintas conformações que se podem atribuir ao *topos* da *militia Amoris* em seus variados contextos de ocorrência faz-nos ver concretamente como ele pode ser matizado no tocante a seu valor derradeiro de emprego. Isso se verifica, por sinal, não apenas porque palavras ou imagens distintas podem a cada vez preenchê-lo com particularidades (“x” é *miles* no caso da paixão por uma bela agora porque atende sem pestanejar à sua convocação para uma “mis-

<sup>25</sup> Em sua *Introdução à retórica*, O. Reboul, rememorando, inclusive, teóricos antigos, propôs três definições para o conceito de “lugar” (2004, p. 50-54): seriam eles argumentos prontos “que o defensor pode colocar em determinado momento de seu discurso, muitas vezes depois de ter aprendido de cor”; “tipos de argumentos, esquemas que podem ganhar os conteúdos mais diversos” (Aristóteles, *Retórica* II, 1397b); e, por fim: “questões típicas que possibilitam encontrar argumentos e contra-argumentos”. Para nossos propósitos neste ensaio, serve melhor a segunda definição, que o Estagirita assim exemplificou no trecho de sua obra há pouco mencionado (“lugar do mais e do menos”): Se os deuses não são oniscientes, muito menos os homens./ Ele bate nos vizinhos, pois bate no pai.

são” noturna, depois porque baixa sorrateiro pela abertura dum *impluvium* alto...), mas, fundamentalmente, porque até uma e uma só “presa” tópica revestir-se-á de seus sentidos apenas imbuída dos teores que lhe confere a “ambiência” de emprego.

Para utilizarmos sob aspecto muito específico um exemplo qualquer coligido em comum da passagem acima transcrita da *Ars amatoria* e da elegia dos *Amores* que tomamos para parte do presente *corpus* analítico, o fato de o *miles Amoris*, como vimos, sempre deitar-se no chão nu para dormir, na falta de melhores acomodações quando em “missão” sob comando da bela, não significa um direcionamento de sentidos inequivocamente determinável em ambas as circunstâncias, pois, explicamos, enquanto o amante tornado *discipulus* assim deveria agir em princípio friamente e não tão distanciado de sua “verdadeira” índole, ou modo de atuação geral na sociedade entendida de maneira mais vasta, o mero enamorado elegíaco o faz por não saber agir sem sujeitar-se subserviente a todos os caprichos da *puella*.

Isso posto, parece-nos ter-se minimamente demonstrado o que intentávamos dizer sobre a pluralidade do “uno” *topos* da *militia Amoris* nos tantos poemas de matriz elegíaca a ecoá-lo. Baste-nos, por ora, tê-lo dito, se pudemos fazer atentar um pouco mais para a atestada riqueza expressiva da elegia erótica romana.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, Michael von. *A history of Roman literature*. Leiden/ New York: E. J. Brill, 1997. Vol. I.
- BOUCHER, Jean-Paul. *Études sur Properce: problèmes d'inspiration et d'art*. Paris: Éditions E. de Boccard, 1965.
- BRIGHT, David F. *Haec mihi fingebam: Tibullus in his world*. Leiden: E. J. Brill, 1978.
- CARDOSO, Zelia A. A representação da mulher na poesia latina. In: FEITOSA, Lourdes C.; FUNARI, Pedro A.; da SILVA, Glaydson J. (org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- COMMELIN, Pierre. *Nova mitologia grega e romana*. Tradução de Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CONTE, Gian Biaggio. Love without elegy: the “Remedia amoris” and the logic of a genre. In: \_\_\_\_\_. *Genres and readers: Lucretius, love elegy, Pliny's Encyclopedia*. Translated by Glenn W. Most. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1994.

- DALZELL, Alexander. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.
- FEDELI, Paolo. Bucolica, lirica elegia. In: MONTANARI, Franco (org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991.
- LABATE, Mario. *L'arte di farsi amare: modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini Editore, 1984.
- NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OVIDE. *Les amours*. Texte établi et traduit par H. Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- \_\_\_\_\_. *L'arte di amare*. A cura di Emilio Pianezzola. Lorenzo Valla/ Arnoldo Mondadori, s.d.
- PIGNATARI, Décio. *31 poetas, 214 poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- POULLAIN, Philippe. *La littérature latine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.
- PROPERCE. *Élégies*. Traduction nouvelle par Maurice Rat. Paris: Garnier, 1931.
- PUTNAM, Michael C. J. *Tibullus: a commentary*. Norman: Oklahoma University Press, 1973.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SALÚSTIO. *Guerra Catilinária; Guerra Jugurtina*. Tradução de Barreto Feio. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- SHEA, George W. *Delia and Nemesis: the elegies of Albius Tibullus*. Lanham: The University Press of America, 1998.
- Theognidea*. Edidit M. L. West. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1971.
- TOOHEY, Peter. *Epic lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, Matheus. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da "Ars amatoria" de Ovídio*. Dissertação de mestrado inédita, submetida ao Departamento de Linguística do IEL-UNICAMP para obtenção do título de mestre em Linguística na área de Letras clássicas/ Latim. Campinas: UNICAMP, 2003.
- VARRO. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 2003. Vol. II.

VEYNE, Paul. *L'élegie érotique romaine: l'amour, la poésie et l'Occident*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. O império romano. In: \_\_\_\_\_. (org.). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

TREVIZAM, Matheus. *Militia amoris in Ovid's Amores I 9 and Ars amatoria II 233-248: identity and parallelism*.

**ABSTRACT:** *In this essay, we intend to show as Ovid's employment of the same elegiac topos – militia Amoris – in his Amores I, 9, and, after, in his Ars amatoria II, 233-248 does not imply identity of meaning, but, instead, manifests particular ways of signifying related to each context.*

**KEYWORDS:** *Ovid; Roman erotic elegy; topoi; Amores; Ars amatoria.*